

# OPINIÃO SOCIALISTA

PARA TER SOBERANIA E CONDIÇÕES DE VIDA  
PARA OS TRABALHADORES,

## ROMPER AS ENGRENAGENS DO SISTEMA CAPITALISTA

GOVERNO LULA CONCILIA COM O IMPERIALISMO  
E O GRANDE CAPITAL; A EXTREMA DIREITA  
APROFUNDA A BARBÁRIE. É PRECISO  
INDEPENDÊNCIA DE CLASSE.

pag. 12 a 20

NACIONAL

Os desafios da esquerda  
brasileira diante do  
governo Lula e da  
extrema direita

pag. 45 a 52

CSP-CONLUTAS

20 anos construindo  
a frente única da classe  
trabalhadora com  
independência de classe

pag. 41 a 44

# O QUE VOCÊ ENCONTRARÁ NESTA EDIÇÃO

Pág. 4 a 6

## **NOTAS**

Trabalhadoras da educação infantil conquistam reivindicação.

Estudantes declaram greve e se juntam à paralisação dos trabalhadores da USP.

---

Pág. 7 a 11

## **EDITORIAL**

**CRISE DO BANCO MASTER  
REVELA QUE NO REGIME  
DOS RICOS NINGUÉM É  
INOCENTE**

Pág. 12 a 20

## **CENTRAIS**

**POR QUE É PRECISO  
ROMPER AS ENGRENAGENS  
DO SISTEMA?**

Pág. 21 a 28

## **NACIONAL**

**A TRAGÉDIA DA  
DESINDUSTRIALIZAÇÃO  
RELATIVA**

Pág. 29 a 36

## **NACIONAL**

**SÓ A LUTA INDEPENDENTE  
DA CLASSE TRABALHADORA  
E UM PROJETO  
REVOLUCIONÁRIO E  
SOCIALISTA PODEM DERROTAR  
A EXTREMA DIREITA**

Pág. 37 a 40

## **LUTAS**

**AS LUTAS ATUAIS E A  
NECESSIDADE DE AVANÇAR**

Pág. 41 a 44

## **LUTAS**

**CSP-CONLUTAS: 20 ANOS  
CONSTRUINDO A FRENTE  
ÚNICA DA CLASSE  
TRABALHADORA COM  
INDEPENDÊNCIA DE CLASSE**

Pág. 45 a 52

## **NACIONAL**

**OS DESAFIOS DA ESQUERDA  
BRASILEIRA DIANTE DO  
GOVERNO LULA E DA  
EXTREMA DIREITA**

Pág. 53 a 58

## **INTERNACIONAL**

**FLOTILHA PARTE EM DIREÇÃO  
A GAZA EM MEIO A  
CESSAR-FOGO PARCIAL**

Pág. 59 a 61

## **PARTIDO**

**30 ANOS A SERVIÇO DA LUTA  
DA CLASSE TRABALHADORA**

Pág. 62 a 65

## **ENTREVISTA COM HERTZ DIAS**

**“SUPERAR ESSA DEMOCRACIA  
DOS RICOS E ESSE SISTEMA  
PODRE QUE É O CAPITALISMO”**

# CONTRIBUA PARA UMA IMPRENSA SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIA

O Opinião Socialista é o jornal oficial do PSTU. Nestes mais de 28 anos, o Opinião sempre se firmou de forma contundente como uma imprensa operária, de esquerda, um contraponto à hegemonia da mídia burguesa. Durante esses anos, o jornal adquiriu diferentes formatos ou periodicidade. Mas esteve sempre ligado à luta de classes.

Para continuar defendendo uma visão socialista do mundo a serviço da classe trabalhadora, o Opinião pede a sua contribuição. Faça uma contribuição e fortaleça uma ferramenta para a discussão de uma estratégia socialista para se mudar de fato a realidade. Confira abaixo como você pode contribuir.

## OPINIÃO SOCIALISTA

Banco do Brasil  
Agência: 4054-1  
Conta: 26751-1  
PIX: 55.446.524/0001-00



EXPEDIENTE

Opinião Socialista é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ: 06.021.557/0001-95 /Atividade Principal 47.61-0-01

**JORNALISTA RESPONSÁVEL:** Mariúcha Fontana (MTb 14555)

**REDAÇÃO:** Diego Cruz, Júlio Anselmo, Luciana Candido e Roberto Aguiar

**DIAGRAMAÇÃO:** Ana Sbabbo

## CONTATOS

📷 @opiniaosocialista

📞 Clique aqui e fale conosco pelo WhatsApp

✉️ [opinião@pstu.org.br](mailto:opinião@pstu.org.br)

🏠 Av. Nove de Julho, 925, Bela Vista - São Paulo (SP) CEP: 01313-000

## VITÓRIA HISTÓRICA, APÓS MAIS DE TRÊS DÉCADAS DE LUTA

# **Trabalhadoras da educação infantil conquistam reivindicação**



Foto: Reprodução

Foram mais de trinta anos de luta encabeçada por uma categoria formada principalmente por mulheres, sobretudo mulheres negras. As profissionais de educação da chamada primeiríssima infância, que trabalham nas creches e Unidades de Educação Infantil, conquistaram a aprovação da Lei 15.326/2026, sancionada por Lula em janeiro, que reconhece o trabalho de docência e enquadra o setor no cargo de professor e carreira do magistério, com todos os direitos da categoria.

Durante anos, essas trabalhadoras, divididas em cargos como “babás”, “pajens”, entre outras sessenta nomenclaturas, estiveram submetidas a jornadas de trabalho de 40 horas recebendo salários bem abaixo dos profissionais da educação reconhecidos pelo município,

chegando a receber um terço do salário das professoras e sem direitos como quadro de carreira, aposentadoria com tempo especial, valorização por títulos, entre outros.

“É uma luta muito importante, muito justa, pelo reconhecimento e o enquadramento das profissionais que atuam ‘no chão da creche’, que recebem os bebês e crianças para as mães poderem trabalhar”, afirma dra. Eliana Ferreira, assessora jurídica do movimento Somos Todas Professoras e uma das principais dirigentes desta mobilização.

---

**Leia entrevista completa com Dra. Eliana Ferreira.**

[CLIQUE AQUI](#)

---

USP

## **Estudantes declaram greve e se juntam à paralisação dos trabalhadores da USP**

No dia 15 de abril, estudantes da Universidade de São Paulo aprovaram paralisação, unificando-se com a mobilização dos servidores. Enquanto fechávamos esta edição, mais de 100 cursos estavam de braços cruzados. A luta unificada pode ser a maior da história da USP. A greve dos trabalhadores da USP é uma resposta à intransigência da reitoria da universidade – representada pelo reitor Aloísio Segurado – e suas medidas que ferem a isonomia salarial na instituição. A instituição não atende às reivindicações dos funcionários pela

recomposição das perdas salariais (o índice exigido pelos trabalhadores é de 14% de aumento para repor perdas desde 2012).

A comunidade discente da USP, por sua vez, está na luta pelo fortalecimento das políticas que garantem a permanência do estudante na universidade. Entre estas, destaca-se o Programa de Apoio à Permanência e Formação Estudantil, no valor de R\$ 1 mil. Há também a exigência de melhor atendimento nos restaurantes universitários (bandejões), melhoria nas moradias do Crusp e fim da retaliação da reitoria aos espaços estudantis.

Os estudantes também se mobilizam contra uma minuta que, se aprovada, proíbe as entidades estudantis de arrecadarem dinheiro com aluguéis de espaços para gráficas e lanchonetes. (Com informações da CSP-Conlutas.)



Foto: Reprodução

# Crise do Banco Master revela que no regime dos ricos ninguém é inocente



Membros do Supremo Tribunal Federal. Foto: Antonio Augusto/STF

Enquanto fechávamos esta edição, o escândalo do Banco Master escalonava no aprofundamento de uma crise política que arrasta os três poderes, comprometendo de forma generalizada gente do governo, do centrão e da extrema direita.

O caso ganhou contornos de uma crise institucional com o relatório do senador Alessandro Vieira (MDB-SE) na CPI do crime organizado, pedindo o indiciamento e o impeachment dos ministros do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes, Dias Toffoli e Gilmar Mendes, além do procurador-geral da República, Paulo Gonet. O que Toffoli fez? Ameaçou cassar e tornar inelegíveis senadores que apoiaram o relatório por “abuso de autoridade”. Que moral tem o ministro que primeiro tentou pegar para si o processo contra

Vorcaro, depois tentou impedir a Polícia Federal de ter acesso às provas das investigações e só aceitou deixar o caso depois que vieram à tona os negócios que mantinha com o sócio do banqueiro num resort no Paraná?

Os outros ministros do STF correram para blindar seus pares. Algo que eles já vêm fazendo desde o início do escândalo, quando, por exemplo, negocia-se uma delação premiada de Daniel Vorcaro, Alexandre de Moraes desengaveta nada uma ação do PT de 2021 para restringir os efeitos da medida. E até as pedras sabem que Moraes não quer que seja investigado o contrato que o escritório de sua esposa mantinha com o banco Master, de inexplicáveis R\$ 129 milhões.

Nessa bagunça, não dá para discordar de Gilmar Mendes quando ele afirma que Vieira “se esqueceu dos seus colegas milicianos”. Isso porque a CPI surgiu no rastro das investigações que revelaram como o PCC faz uso de fintechs da Faria Lima para lavar dinheiro e de ligações mais que suspeitas com a Polícia Militar de Tarcísio de Freitas ou políticos ligados a Cláudio Castro na Assembleia Legislativa do Rio. Tudo solenemente ignorado pelo senador. E mesmo que Alessandro Vieira tivesse resolvido circunscrever a CPI ao Supremo, ele também ignorou o contrato do filho do ministro Nunes Marques, indicado por Bolsonaro, com Vorcaro. Ou a presença do filho do ministro Luiz Fux, que votou pela absolvição de Bolsonaro, num camarote VIP do banqueiro na Sapucaí.

Em sua tentativa de se reacomodar no campo político e agradar a base bolsonarista num ano

eleitoral, Alessandro Vieira não só expõe as falcatruas no STF, mas a própria hipocrisia do Congresso Nacional. Onde está o também senador Ciro Nogueira (PP-PI), que atuou de forma ativa em prol de Vorcaro, assim como Antônio Rueda (União)? Onde está Campos Neto, que deixou rolar os esquemas de fraude debaixo do nariz? Ou o governador do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, que tentou comprar o Banco Master para livrar Vorcaro e meteu um prejuízo bilionário aos cofres públicos?

De qualquer forma, esse relatório não foi aprovado na CPI, já que o governo Lula, articulado com o STF, manobrou para trocar integrantes da comissão e ter maioria.

### **ENGRENAGENS DE UM SISTEMA DOS RICOS**

O escândalo do Banco Master desnuda o funcionamento das instituições deste regime. Juízes e políticos são comprados com dinheiro, viagens de jatinho, jantares suntuosos em Londres regados a uísque caro e prostituição de luxo. São os mesmos políticos que enrolam para votar o fim da escala 6x1 e os mesmos ministros que empurram a pejetização goela abaixo dos trabalhadores, implodindo a CLT.

Mostra como essas instituições atuam exclusivamente em benefício dos bilionários e dos capitalistas, contra os trabalhadores e a população pobre. São meros funcionários dos banqueiros e grandes empresários que, se brigam num momento ou em outro, nas viagens de jatinho ou nas festas privê estão lado a lado, sorridentes e brindando com uísque pago por dinheiro roubado do povo.

Revela ainda que não dá para confiar nas instituições para se combater a extrema direita golpista, como faz o governo Lula. Ou alguém acha que Alexandre de Moraes concederia prisão domiciliar para Bolsonaro articular a candidatura de seu filho em sua mansão se não estivesse emparedado pelas denúncias que pairam sobre ele? O STF se contrapôs à tentativa de golpe unicamente porque uma mudança de regime contraria seus interesses e os interesses burgueses que cada um dos ministros representa. Não tem nada a ver com direitos e liberdades democráticas da população.

Mais que isso, ao se colocarem, com o apoio do governo, como paladinos da luta contra o golpe e pela democracia, se autoconcedem carta branca para fazer tudo, menos ser investigados. É uma desmoralização que serve como um verdadeiro presente à extrema direita, que agora vai explorar esse desgaste em prol da sua cruzada contra o STF por conta da justa punição aos golpistas do 8 de janeiro. É um prato cheio para alardear seu projeto autoritário de piorar o que já é ruim, ou seja: contra a democracia corrupta dos ricos sonham com uma ditadura corrupta dos ricos sob comando dos bolsonaros.

### **NENHUMA CONFIANÇA NO REGIME DOS RICOS**

Se o caso do Banco Master, que era uma instituição relativamente pequena, já impressiona por manter ministros do STF, senadores, deputados, governadores e membros do governo Lula no bolso, o que não se passa com os grandes bancos? Ou as grandes empresas que estão em plena campanha contra o fim da escala 6x1? O que se passa quando não são os

interesses diretos deles próprios? Será que o fato de Gilmar Mendes ser contra os povos originários e a luta contra o Marco Temporal tem a ver com o fato de ele ser fazendeiro no Mato Grosso?

É preciso exigir investigação e punição de todos os culpados nesse escândalo, seja ministro do STF, seja senador, seja o que for. E investigar para valer a relação da Faria Lima com o PCC e autoridades, algo que inclusive era o foco da CPI, mas foi convenientemente esquecido.

Mas, mais que isso, essa crise serve para mostrar à classe trabalhadora que não se pode depositar um fio de esperança nas instituições do regime dos ricos. Os trabalhadores, os povos originários, as LGBTI+, as mulheres, as negras e negros, a população quilombola, a juventude e todos os setores explorados e oprimidos só podem confiar na força de sua própria mobilização para conquistar suas reivindicações, como a demarcação das terras indígenas, o fim da escala 6x1 e da pejotização, assim como os direitos dos trabalhadores por aplicativos. ■



*Ministro do Supremo Tribunal Federal do Brasil Gilmar Mendes. Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil*

PARA MUDAR DE VERDADE O PAÍS E A VIDA

## Por que é preciso romper as engrenagens do sistema?



JULIO ANSELMO,  
DA REDAÇÃO



Manifestação em Belém (PA). Foto: PSTU-PA

Estamos assistindo a guerras, uso de tarifas como arma para submeter países, ameaças autoritárias, chantagens diplomáticas e militares para garantir os interesses dos monopólios capitalistas. Trump expõe a face mais explícita da engrenagem da dominação imperialista e do autoritarismo da extrema direita. Quer tomar recursos naturais, dominar mercados, controlar tecnologias e subordinar países inteiros, sugando as riquezas produzidas pelos trabalhadores com suas multinacionais, que controlam economias nacionais inteiras. Subverte a ordem mundial para tentar reformatá-la para atender seus interesses nos marcos da disputa com o novo imperialismo capitalista ascendente da China.

O Brasil é um país historicamente dominado pelos EUA, embora também tenha forte presença da Europa e, mais recentemente, da China. As multinacionais dos países imperialistas controlam a economia nacional, determinam o que e como será produzido e drenam a riqueza produzida. Quando uma empresa estrangeira decide investir no Brasil, não é em prol do desenvolvimento do país, mas porque identificou uma área que pode ser explorada para obter lucro significativo.

Não se instalam setores de ponta no país. Para os países pobres, é relegado tudo que é secundário, já que é a posse dos setores tecnológicos e os segredos comerciais que garantem os superlucros dos imperialistas. Mesmo o que é investido aqui continua sendo propriedade das empresas estrangeiras. O excedente é remetido ao exterior, reinvestindo aqui apenas o suficiente para manter negócio rodando e, quando a empresa encontra oportunidade de lucrar mais em outro lugar, vai embora sem se importar com os trabalhadores ou com o desenvolvimento nacional, como aconteceu recentemente com a Ford.

### **SUBORDINAÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA**

Os defensores do capitalismo afirmam que se trata de formatar o país para que os negócios das multinacionais sejam atrativos, dizendo que outros países são mais competitivos. Ou seja, dão mais vantagens para as empresas sugarem recursos, explorarem trabalhadores, e as multinacionais lucrarem. A lógica perversa se revela: a dominação imperialista que obriga os países pobres a competirem para ver quem cria as melhores condições para sua classe trabalhadora ser explorada, e seu país, espoliado.

A dependência econômica anda junto com a subordinação política. Os governos que se mantêm nos marcos do capitalismo atendem sempre aos interesses das multinacionais, em primeiro lugar, e da burguesia nacional subordinada à burguesia imperialista.

Trump vem ameaçando interferir nas eleições brasileiras em favor do seu candidato, Flávio Bolsonaro. Ao mesmo tempo, Lula mantém negociações com os EUA e pode entregar as terras raras para as multinacionais.

Falar em soberania no Brasil significa: romper com a dependência econômica e política. Não há desenvolvimento possível nem melhoria estrutural de vida para os trabalhadores enquanto setores fundamentais da economia estiverem subordinados a interesses externos; decisões estratégicas forem tomadas fora do país; e a riqueza aqui produzida for drenada para enriquecer os monopólios estrangeiros.

---

**Lutar pela soberania significa romper com a dependência política e econômica do Brasil**

---

**MÁQUINA DE EXPLORAÇÃO**

**Para ter vida digna para os trabalhadores, romper a engrenagem do lucro**

Não se trata dos índices econômicos que o governo tanto comemora. É sobre a mesa que segue vazia, apesar da suposta inflação baixa,

porque o preço dos alimentos está nas alturas, e o salário segue na baixa. É sobre trabalhar de segunda a segunda no aplicativo. Ou, mesmo com carteira assinada, ter que fazer um extra depois do expediente para complementar porque não sabe como chegar ao fim do mês. A informalidade segue elevada, corroendo direitos básicos. Mesmo com registro em carteira, a escala 6×1 continua arrancando o couro, e o salário está arrojado.

Tudo isso agrava a situação de pobreza e desigualdade social em todo o país, principalmente nas periferias. O acesso à saúde, educação, moradia, transporte e serviços públicos se deterioram. Basta ver a fila do INSS. Os trabalhadores sofrem com o aumento da violência tanto nas mãos do tráfico e das milícias quanto com a atuação assassina da polícia. A política de segurança elitista e racista segue criminalizando os negros e os mais pobres, enquanto protege a vida dos ricos.

Os feminicídios disparam com as mulheres sofrendo as consequências das medidas insuficientes dos governos que não investem na pauta de mulheres nem enfrentam as ideologias machistas proliferadas pela extrema direita. Os povos indígenas são expulsos de suas terras pelo agronegócio e pela mineração. No campo, os pequenos produtores são esmagados por grandes conglomerados capitalistas.

## **UM PROGRAMA DA CLASSE TRABALHADORA**

Para que os trabalhadores tenham direito à vida digna, é fundamental acabar com a escala 6×1, reduzindo a jornada para 36 horas sem reduzir

os salários, garantindo um salário mínimo calculado pelo Dieese. É preciso garantir empregos de qualidade sem precarização e ampliar o que os trabalhadores de aplicativo recebem por corrida ou entrega. Hoje ficam com a menor parte do valor, enquanto a maior parte vai para o lucro da empresa, que tem baixíssimos custos.

Também é necessário o perdão às dívidas dos trabalhadores, que sofrem com as altíssimas taxas de juros que enriquecem os bancos. É necessário pôr fim ao arcabouço fiscal e suspender o pagamento da dívida pública, que sufoca a educação e a saúde, além de realizar investimentos maciços em moradia e recursos para o combate à violência racista, machista e lgbtfóbica, e mudar a política de segurança, desmilitarizando a polícia e legalizando as drogas para combater esse negócio capitalista ligado à Faria Lima.

Como tudo isso seria possível? Enfrentando os interesses das 200 maiores empresas que impedem a melhoria na vida dos trabalhadores. Se tirarmos do lucro de bilhões controlado por multinacionais e grandes empresas, é possível garantir os interesses dos trabalhadores.

O grosso dos impostos ainda é pago pelos trabalhadores apesar da isenção do imposto de renda para quem ganha até R\$ 5 mil. Os capitalistas drenam os recursos públicos por meio dos mecanismos da dívida pública. É preciso sobretaxar os lucros e dividendos como primeiro passo, mas ir além, atingindo o próprio funcionamento do sistema capitalista que

alimenta a concentração de riqueza, de um lado, e vida dura para os trabalhadores de outro, aprofundando a desigualdade e todos os problemas sociais.

---

**PRA TER SOBERANIA E DESENVOLVIMENTO DE VERDADE**

## **Um programa para romper o sistema capitalista**

Os defensores do capitalismo dizem que este programa seria impossível porque a burguesia não permitiria ou haveria fuga de capitais. Isso se supera indo à raiz do problema do Brasil, tirando o país do atraso, da decadência econômica, se reindustrializando, rompendo com a subordinação ao imperialismo.

Não é do interesse de nenhum setor burguês, imperialista ou nacional, desenvolver o Brasil. Eles ganham mais dinheiro justamente mantendo o país no atraso. Mudar isso colocaria em risco seus lucros. Por isso não tem como ter soberania e reindustrializar o país, gerando um desenvolvimento que ataque os problemas sociais, sem expropriar setores-chave da produção nacional.

Propomos como primeiras medidas: a expropriação de setores que cresceram a partir de investimentos públicos, como mineração, petróleo, energia elétrica e siderurgia, todos entregues à privatização e à desnacionalização, e reestatizá-los sob controle dos trabalhadores; criar uma empresa estatal para as terras raras, para processarmos esse material aqui, sob controle dos trabalhadores e não das

multinacionais; tomar o grande agronegócio da JBS, Marfrig, BRF, Cargill, Ambev e Bunge, que sufoca os pequenos produtores e dolariza a cesta básica; controlar os capitais, proibir a remessa de lucros ao exterior e avançar a nacionalização do sistema bancário.

A renda desses setores deve ser direcionada a um planejamento econômico que permita ao país dar um salto e implementar as medidas que atendem aos interesses dos trabalhadores, o que hoje dizem ser impossíveis.



Manifestação em frente ao Consulado estadunidense contra o tarifação de Trump. Foto: Maísa Mendes

## BOLSONARISMO

# A engrenagem do ultraliberalismo e do autoritarismo

Flávio Bolsonaro é a expressão eleitoral da extrema direita. Defende o capitalismo sem disfarce, com um projeto de subordinação econômica total do país, a entrega irrestrita das

riquezas nacionais, a submissão política aos Estados Unidos e a destruição de qualquer direito dos trabalhadores. Combina-se a isso o autoritarismo, a violência contra mulheres, negros e LGBTI+ e o obscurantismo. Enfrentar e derrotar o bolsonarismo é uma tarefa fundamental para os trabalhadores. Para isso é preciso romper o sistema capitalista que o alimenta.



*Flávio Bolsonaro. Foto: Fabio Rodrigues Pozzebom/Agência Brasil*

---

**PT**

## **A engrenagem da conciliação e do social-liberalismo**

O PT é o partido que mais governou a Nova República. É corresponsável, junto com a burguesia e a direita, pela decadência do país. O governo Lula administra a dependência do Brasil, negociando com todos os imperialismos sem enfrentá-la de fato.

Mesmo as medidas progressivas são insuficientes. Depois de muita luta dos

trabalhadores, o governo apresenta uma proposta de fim da 6×1 reduzindo a escala para 40 horas quando o movimento exigia 36 horas. É sempre a lógica de rebaixar tudo ao gosto do centrão e da direita. Mesmo essa medida está a serviço de manter os trabalhadores subordinados à burguesia e a um projeto neoliberal com inclusão social mínima.

Os trabalhadores não podem confiar no governo. Este mandato de Lula bateu o recorde de privatizações e concessões: foram 50 leilões de rodovias, portos e aeroportos, contra 45 de Bolsonaro e 26 de FHC.

Os trabalhadores precisam se manter independentes, fortalecendo uma oposição de esquerda com programa revolucionário e socialista. Esse é o caminho para derrotar a extrema direita de verdade.■



*Presidente Lula. Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil*

BRASIL

# A tragédia da desindustrialização relativa



GUSTAVO MACHADO,  
DO CANAL ORIENTAÇÃO MARXISTA



*A mineração no chamado Morro do Ouro, liderada pela empresa canadense Kinross Gold Corporation, representa a principal atividade industrial para a geração de emprego e renda na região (José Cruz - Agência Brasil)*

A conjuntura recente não deixa margem para ilusões e, mais que isso, dissolve aquelas que por décadas serviram para encobrir o funcionamento real do sistema mundial. O mundo não é um espaço neutro de trocas entre iguais, tampouco um arranjo regido por regras universais. É uma hierarquia de dominação, nitidamente estruturada, na qual a força econômica, tecnológica e militar se concentra em poucos polos, enquanto o restante se organiza de forma subordinada a eles.

A Europa e o Japão, que outrora apareciam como centros independentes no terreno político e econômico, expõem hoje, de maneira cada vez mais aberta, os limites dessa autonomia. Atuam, em larga medida, como extensões subordinadas dos interesses dos Estados Unidos. Donald Trump os humilhou uma, duas, três, várias vezes. Ainda

assim, abaixaram a cabeça, assinaram acordos desvantajosos e suas críticas são sempre formuladas de maneira tímida, hesitante, contrafeita, envergonhada.

Apesar do papel dominante que esses países ainda ocupam na cena mundial, sua posição revela uma subordinação que vai além do plano militar. Dependem do mercado interno estadunidense e, em termos produtivos, suas indústrias, via de regra, ocupam os estratos intermediários de cadeias em que os Estados Unidos concentram o comando, o ponto de partida e a direção estratégica.

Por outro lado, a disputa aberta entre Estados Unidos e China apenas explicita aquilo que sempre esteve na base do sistema: o controle das cadeias produtivas de maior valor agregado, tais como inteligência artificial, semicondutores, indústria digital, novos materiais. Trata-se do controle sobre a maior parcela do trabalho social produzido em escala mundial, apropriado e centralizado por empresas sediadas nos países dominantes, que comandam os elos decisivos da produção e subordinam a eles todos os demais.

É nesse campo minado, e somente a partir dele, que se coloca a necessidade de examinar a posição específica ocupada pelo Brasil. Vamos a ela.

---

**A disputa aberta entre EUA e China explicita o controle sobre a maior parcela do trabalho social produzido no mundo.**

---

## **REBAIXAMENTO ESTRUTURAL DO BRASIL**

Se no plano mundial a produção se organiza de forma hierárquica e concentrada, distribuindo de maneira desigual o controle sobre tecnologia, conhecimento e riqueza, no caso brasileiro essa lógica assume uma forma particular, que não pode ser compreendida como mero desvio ou insuficiência passageira. Trata-se de um movimento histórico determinado, que define os limites e as possibilidades do país no interior dessa mesma estrutura.

O domínio tecnológico exige concentração colossal de capital e controle sobre conhecimento acumulado ao longo de décadas. No entanto, nem sempre foi possível centralizar todas as etapas produtivas nos países dominantes. Em determinados momentos históricos, sobretudo ao longo do século XX, a própria dinâmica da acumulação exigiu o deslocamento de parcelas da produção industrial para países periféricos. Custos mais baixos e a necessidade de centros produtores relativamente próximos aos novos mercados consumidores impulsionaram a instalação de unidades produtivas em países como o Brasil.

Foi nesse contexto que se estruturou uma industrialização subordinada. Não se tratava de transferir o núcleo dinâmico da produção, mas de deslocar etapas específicas, frequentemente menos complexas, mantendo sob controle externo a tecnologia, o financiamento, as decisões estratégicas e os elos mais avançados das cadeias produtivas. Isso permitiu a formação de um mercado interno limitado, ao mesmo tempo que preservava a posição subordinada do país no conjunto do sistema.

Hoje, na chamada quarta revolução industrial, esse espaço se fecha. O Brasil volta a ocupar a posição de mero consumidor das inovações centrais. Importa tecnologia, importa máquinas, importa conhecimento. Para equilibrar minimamente suas contas externas, é obrigado a expandir a exportação de commodities – minério, soja, petróleo bruto – produtos de baixo valor agregado, intensivos em recursos naturais e pouco intensivos em trabalho qualificado.

Não se trata de uma simples perda de indústria, mas de um rebaixamento estrutural na divisão internacional do trabalho. A indústria não desaparece, mas perde densidade tecnológica, complexidade e capacidade de irradiar desenvolvimento. No mercado interno, o peso crescente de setores como a indústria de alimentos, com baixa agregação de valor, expressa esse movimento. Ao mesmo tempo, os setores que mais crescem são aqueles voltados à exportação primária, que geram poucos empregos, ampliam a informalidade e comprimem os salários.

O resultado é um ciclo de dominação que se retroalimenta: menor complexidade produtiva, menor capacidade de geração intensiva de riqueza alimentam a aplicação do capital aqui existente em setores mais extensivos, cuja debilidade qualitativa deve ser compensada pela expansão quantitativa, com dados humanos e ambientais sem fim.

---

**A industrialização no Brasil ocorreu de forma subordinada, com um mercado interno limitado. O que ocorre hoje é um rebaixamento estrutural na divisão internacional do trabalho.**

---

## DEPENDÊNCIA

# Falsas saídas para o dilema nacional

Diante desse quadro, qualquer proposta que ignore o problema central está condenada à impotência. Não há como superar a estagnação econômica sem que o país assuma o controle – direto ou indireto – de cadeias produtivas estratégicas. Não se trata de uma escolha ideológica, mas de uma necessidade objetiva imposta pelo próprio funcionamento do capitalismo contemporâneo.

Os países que ocupam posições dominantes, sejam os Estados Unidos, a Suíça, a Suécia ou a Noruega, controlam, cada qual a seu modo, setores-chave da produção mundial. Dominam tecnologia, marcas, patentes, processos produtivos. Não vivem da exportação de produtos primários, mas da apropriação sistemática de valor gerado em escala global.



Fábrica Stellantis. Foto: Reprodução

## O REAL PROBLEMA

No Brasil, o debate público gira em falso. De um lado, apresenta-se o combate à corrupção e a abertura econômica como solução geral para todos

os problemas, como se a eliminação de distorções administrativas ou a ampliação da concorrência fossem suficientes para alterar a posição do país no mundo. Mas tais medidas, não tocam no problema central: não indicam qualquer caminho para a inserção do país nos setores de ponta, que exigem investimentos massivos, riscos elevados, domínio tecnológico e longos períodos de maturação.

De outro lado, fala-se em intervenção estatal como solução abstrata. No entanto, ignora-se que o Estado brasileiro opera sob deficit crônico há anos, comprimido por um sistema que drena recursos para o pagamento de juros e pela própria debilidade da base produtiva.

O problema, portanto, não é simplesmente mais mercado ou mais Estado. É a ausência de controle nacional sobre os núcleos decisivos da produção. Sem isso, qualquer política econômica será, no máximo, paliativa. O país continuará dependente de tecnologias externas, incapaz de definir seus próprios rumos e condenado a oscilar ao sabor das condições internacionais.

---

## CÍRCULO VICIOSO

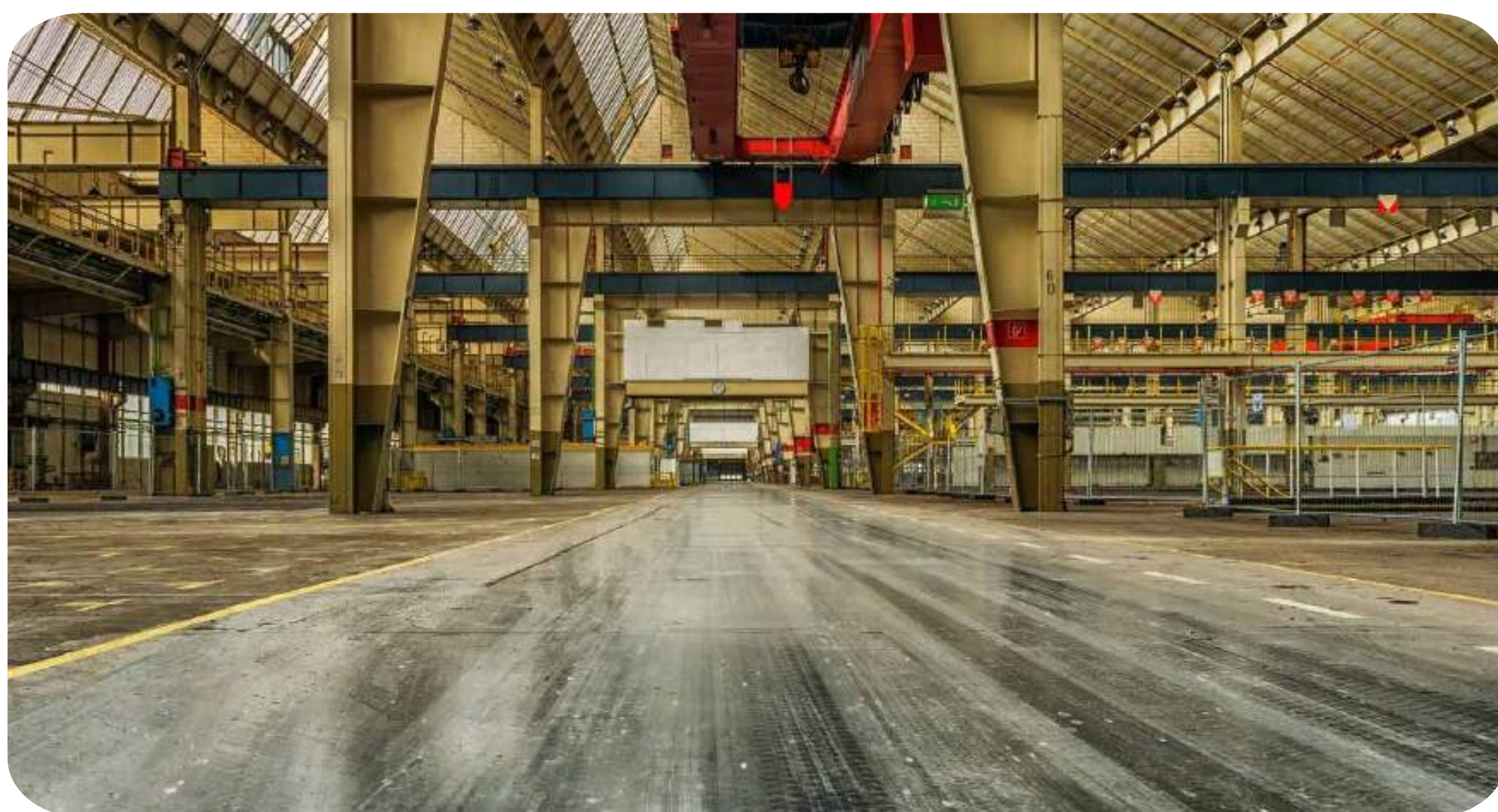
### **Sem ruptura, não há saída**

Se o caminho exige controle sobre setores estratégicos, é preciso dizer com contundência: não se pode esperar que o capital nacional cumpra esse papel. Inserido de forma subordinada, ele administra um mercado interno estagnado e adapta-se às condições impostas de fora. Não tem nem os meios nem o interesse em romper com essa posição.

A própria dinâmica interna reforça esse limite. A expansão dos setores voltados ao mercado interno esbarra na baixa capacidade de consumo da população, a qual, por sua vez, é condicionada pela necessidade de manter salários reduzidos e pela incorporação de tecnologias que diminuem o emprego. O resultado é um círculo vicioso: não se amplia o consumo porque não se ampliam os salários; não se ampliam os salários porque não se amplia a produção com maior valor agregado.

### **EXPROPRIAR PARA DESENVOLVER O PAÍS**

Diante disso, os excedentes do capital nacional seguem três destinos principais. Primeiro, as privatizações, que apenas transferem propriedade sem expandir a capacidade produtiva do país. Segundo, a aplicação em títulos da dívida pública, em que o Estado absorve esse capital e paga juros elevados sem gerar nova riqueza. Terceiro, a fuga de capitais para o exterior, que alcançou meio trilhão de reais nos últimos anos.



*Foto: Reprodução*

Esse processo torna nítido que, sem a expropriação e o controle de setores-chave –

energia, siderurgia, mineração, petróleo –, que concentram os maiores excedentes, não há base material para um projeto de desenvolvimento. É a partir desses recursos que se pode financiar a inserção em áreas estratégicas como inteligência artificial, processamento de terras raras e outras tecnologias de ponta.

### **UM PROJETO DE CLASSE**

Não se trata de uma questão moral, mas de uma necessidade. Os interesses do capital, nacional ou internacional, estão alinhados com a manutenção da estagnação que lhes garante lucros seguros. A superação desse quadro só pode partir daqueles que são diretamente prejudicados por ele: a classe trabalhadora, os camponeses, os pequenos empreendimentos.

São esses setores que têm interesse em romper com um sistema que se alimenta da pobreza, da informalidade e da dependência. São eles que podem sustentar um projeto que reorganize a produção em função das necessidades sociais e não da valorização imediata do capital. Fora disso, qualquer promessa de desenvolvimento não passa de ilusão – e o país seguirá, década após década, aprofundando seu rebaixamento na divisão internacional do trabalho. ■

---

**A superação desse quadro só pode vir daqueles que são prejudicados por ele: a classe trabalhadora, os camponeses e os pequenos empreendimentos.**

---

ULTRADIREITA

# Só a luta independente da classe trabalhadora e um projeto revolucionário e socialista podem derrotar a extrema direita

*Apostar no “mal menor” é repetir o que a esquerda da ordem vem fazendo nos últimos trinta anos, esperando um resultado diferente*



DIEGO CRUZ,  
DA REDAÇÃO



*Presidente Lula e ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República Guilherme Boulos*

No momento em que avançam as articulações para as próximas eleições, os setores majoritários da esquerda capitalista já anunciaram o apoio à reeleição de Lula logo no primeiro turno. O caso do PSOL é emblemático: apesar de fracassada a tentativa de compor uma federação com o PT, o partido, que já compõe o governo, omitiu-se de apresentar uma alternativa própria e definiu o voto a Lula desde já.

A lógica de votar no PT, ou até em candidatos da direita para derrotar a extrema direita, se reproduz nos estados. Em São Paulo, indicam que chamarão voto no ex-ministro Fernando Haddad ao governo.

O mesmo Haddad que elaborou o arcabouço fiscal que impõe um teto de gastos e limita as verbas à Saúde, Educação, demais áreas sociais e até mesmo ao salário mínimo.

Mais que isso, correntes do partido já chamam a também ex-ministra Simone Tebet, que deve sair para o Senado após migrar do MDB para o PSB, de “minha senadora”. Tebet, figura histórica da direita, é uma das mais ardorosas defensoras do ajuste fiscal. Ela afirmou que o principal desafio para 2027 é apertar ainda mais as contas públicas.

No Rio Grande do Sul, o PSOL, hegemônico pela corrente MES, aprovou o apoio a Juliana Brizola (PDT), que até ontem estava no governo de Eduardo Leite (PSDB), conhecido por, no âmbito de sua política neoliberal, atacar de forma perversa o funcionalismo público. Estamos vendo, portanto, o aprofundamento da política do “mal menor” sob o argumento de combater a extrema direita, a qual se alarga até mesmo a apoios à própria direita.

Essa política eleitoral é, na verdade, o desdobramento da posição que a esquerda institucional manteve nos últimos três anos e meio. Sempre sob a justificativa de enfrentar a extrema direita, apoiaram, foram base e sustentaram um governo que implementou uma política neoliberal que não só não enfrentou os problemas da classe trabalhadora, como os aprofundou ainda mais, mantendo uma dinâmica de retrocesso social e econômico do país por décadas e de subordinação ao imperialismo.

Com o terceiro governo Lula chegando ao seu final, seria necessário fazer um balanço dessa

política. O apoio ao governo Lula ajudou a mudar a correlação de forças? A situação da maioria da população melhorou? Foi eficaz para se combater a extrema direita e o bolsonarismo?

## **SITUAÇÃO NÃO MELHOROU**

A única resposta honesta a essas questões é não. A situação da classe trabalhadora não melhorou e o descontentamento popular hoje é generalizado. Resultado disso, a extrema direita, derrotada em sua tentativa de golpe e sofrendo uma crise intestina, se rearticula e continua com força, apoiando-se em Trump, promovendo seu programa de ataques aos trabalhadores e de ameaça autoritária pairando sobre nossas cabeças.

As mais recentes pesquisas revelam uma rejeição a Lula que oscila ao redor dos 50%. E por que isso acontece? Não se trata de uma “guerra de narrativas” ou das conhecidas campanhas de fake news propagadas pela extrema direita, mas da dura realidade da classe trabalhadora. A inflação dos alimentos no último período cresceu bem acima da inflação geral. Ao mesmo tempo, o endividamento das famílias superou os 80%, um recorde.

A deterioração da renda diante do aumento dos preços está fazendo as famílias recorrerem ao cartão de crédito para fechar o mês. Com os juros na estratosfera (principalmente para os trabalhadores), as dívidas vão se acumulando. Junto a isso, a precarização do trabalho formal, a uberização e demais serviços por plataformas, elevam a superexploração a patamares infernais. Têm-se a percepção de que nunca se trabalhou tanto para receber tão pouco.

Como o governo Lula vem tentando responder a isso? O Programa Desenrola, que funcionou até 2024, não reverteu o endividamento. Pelo contrário, ele só aumentou. A limitada medida de isenção do Imposto de Renda para quem ganha até R\$ 5 mil, tida pelo governo como grande trunfo eleitoral, tampouco significou algum impacto relevante, sendo logo absorvido pela inflação e pelas dívidas. Agora o governo prepara novas medidas, como o uso do FGTS para pagar as dívidas que, mais uma vez, não resolverá o problema.

Isso porque o problema é estrutural, de um país cada vez mais subordinado aos grandes monopólios capitalistas e ao imperialismo. Um sistema que o governo Lula não se propõe a enfrentar, mas administrar. Se na campanha eleitoral lá atrás Lula falou em revogar a reforma trabalhista, agora seu governo nem ao menos se dispõe a tocar nos interesses das grandes plataformas como a Uber ou o iFood, mantendo um regime de superexploração sem nenhum direito.



*Ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, e o ministro da Economia, Fernando Haddad.  
Foto: Edu Andrade*

## ENTREGUISMO E RETROCESSO

O governo Lula não só não enfrenta como avança o processo de entrega do país, seja ao imperialismo estadunidense negociando as terras raras, seja à China com toda sorte de subsídios para a instalação de suas fábricas como a BYD (recentemente autuada por trabalho análogo à escravidão), seja com o recente acordo entre o Mercosul e a União Europeia, que aprofundará a subordinação do Brasil e seu rebaixamento na divisão internacional do trabalho como exportadora de commodities de baixo valor agregado.

Temos então um quadro em que o país se torna cada vez mais dependente, com uma política econômica que castiga a classe trabalhadora: com impostos, juros extorsivos, inflação, jornadas extenuantes e precarização, que beneficia apenas os bancos, os grandes conglomerados estrangeiros e os países imperialistas. Uma política que não tem como dar outro resultado que não seja a desmoralização. E tudo isso apoiado por grande parte de uma esquerda que, sob a justificativa da volta da extrema direita, não apresenta nenhum projeto de independência de classe e atua para manter os trabalhadores reféns entre diferentes alternativas que administrarão o mesmo capitalismo.

---

**É necessário fazer um balanço do apoio político que a maior parte da esquerda prestou ao governo Lula: ajudou a mudar a correlação de forças? Foi eficaz no combate à extrema direita? A única resposta honesta é não.**

---

## POLARIZAÇÃO POR DENTRO DO SISTEMA

# **Ao administrar o capitalismo, governo se desgasta e alavanca a ultradireita**

Enquanto fechávamos esta edição, uma nova rodada de pesquisas foi divulgada. Em geral, mostram um cenário polarizado, em que Flávio Bolsonaro aparece tecnicamente empatado ou vence Lula. Um elemento interessante aqui é que Flávio compartilha com Lula uma alta taxa de rejeição. No Datafolha, Lula é reprovado por 48%, e Flávio, 46%. Na Genial/Quaest, Lula tem 55% de rejeição, enquanto Flávio Bolsonaro tem 52%.

Em alguns cenários, Lula perde ou empata com figuras menores da extrema direita, como o famigerado Ronaldo Caiado ou o não menos perverso governador de Minas Gerais Romeo Zema. Até mesmo o candidato do MBL, Renan Santos, chega a 10% entre o eleitorado mais jovem. Um indicativo que sugere que o que impulsiona de fato a extrema direita é a rejeição a um governo que administra o status quo. Nesse sentido, uma alternativa que se coloque como oposição, mesmo que seja ainda mais abertamente entreguista, neoliberal e contra os trabalhadores, aparece como solução a tudo que está aí.

Ainda mais após quase vinte anos de governos do PT, em que a conciliação de classes e a administração de um capitalismo em crise, com a regressão do país, abriu brechas para ideologias como a do empreendedorismo, que conferem base material para a extrema direita. Se o Estado só serve para arrancar impostos dos trabalhadores e

da classe média, não garantindo nem o mínimo de serviços básicos como saúde e educação, quanto menos Estado para atrapalhar melhor, não? É o que prega, de forma cínica e falsa, a extrema direita, até porque eles defendem mais Estado para garantir os lucros e privilégios dos bilionários, e mais Estado para reprimir o povo pobre com a polícia. Mas é um discurso que entra e ecoa na situação que vivemos.

---

## NÃO HÁ ATALHOS

### **Enfrentar os capitalistas e apresentar uma alternativa antissistema**

É preciso enfrentar e derrotar a extrema direita. Mas já vimos como não se faz isso. Apostar no mal menor para impedir sua volta ao poder é perpetuar um círculo vicioso que piora cada vez mais. E a solução apresentada pela esquerda parlamentar amplia uma frente já bem ampla. Se antes era PT, agora entra até a direita tradicional.

É possível e necessário fazer unidade de ação contra eventuais ataques do imperialismo, como o tarifaço de Trump ou suas recorrentes ameaças de ingerência e intervenção. Mas, mesmo nesses momentos, é importante manter a completa independência política do governo Lula. O que a esquerda parlamentar faz, ao contrário, é apoiar de forma sistemática o governo em todas as situações e assinar embaixo de sua política econômica neoliberal.

## **UM PROJETO SOCIALISTA E REVOLUCIONÁRIO**

Só se enfrenta a extrema direita mudando as

condições de vida da classe trabalhadora, pois é justamente a decadência e a deterioração econômica e social que vivemos que fornecem as condições para que se fortaleçam. E só se muda a vida pela luta independente da classe trabalhadora, com um programa que enfrente de verdade o capitalismo e, junto a isso, uma alternativa política que coloque no horizonte uma revolução socialista, que bote abaixo esse sistema e coloque os trabalhadores no poder.

Apostar no mal menor é repetir o que a esquerda institucional vem fazendo nos últimos trinta anos, esperando um resultado diferente. É necessário fortalecer uma alternativa realmente antissistema. É a isso que a pré-candidatura de Hertz Dias, do PSTU, está a serviço. Fortalecer, junto às lutas, um programa independente da classe trabalhadora e disputar a consciência da classe para uma alternativa revolucionária e socialista. ■



*Hertz Dias, pré-candidato à presidência do Brasil pelo PSTU, presente no 4º congresso da CSP-Conlutas.  
Foto: Romerito Pontes*

### CLASSE TRABALHADORA

# As lutas atuais e a necessidade de avançar

*Alta dos combustíveis não será resolvida só retomando da BR Distribuidora, mas reestatizando todo o setor, sob controle dos trabalhadores, rumo à transição energética*



PHILL NATAL,  
DE MARINGÁ (PR)



*Trabalhadores da Avibras comemoram vitória histórica da categoria. Fonte: Reprodução*

Apesar de o governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT) afirmar que a vida do brasileiro está melhorando e que a economia voltou a crescer, a realidade concreta aponta para outra direção. O custo de vida segue elevado, as compras de supermercado diminuíram e o endividamento das famílias já atinge 80,4% segundo a Confederação Nacional do Comércio.

Esse cenário escancara os limites da política de conciliação de classes: ela não garante avanços reais para os trabalhadores e ainda dificulta o enfrentamento consequente à extrema direita, que busca se fortalecer sobre o descontentamento social.

Não por acaso, figuras como Flávio Bolsonaro (PL), Romeu Zema (Novo) e Ronaldo Caiado (PSD) aparecem em crescimento nas pesquisas. O discurso reacionário encontra eco justamente entre setores que sentem, no cotidiano, a frustração de não ver a vida melhorar.

## **A CLASSE TRABALHADORA EM MOVIMENTO**

Ainda que o país não viva um ascenso generalizado de lutas, importantes enfrentamentos seguem ocorrendo. Greves como as de petroleiros, trabalhadores dos Correios e da Avibras, esta última com uma vitória significativa, demonstram que a classe trabalhadora segue ativa.

As manifestações pelo fim da escala 6×1 continuam ocupando as ruas e expressam uma insatisfação profunda com as condições de trabalho. Mulheres têm protagonizado mobilizações contra a violência machista, enquanto os povos indígenas seguem na linha de frente da defesa de seus territórios e do meio ambiente. Ao mesmo tempo, crescem os protestos contra o imperialismo e em solidariedade aos povos palestino e ucraniano.



*Rovena Rosa/Agência Brasil*

Essas lutas desmontam a narrativa da esquerda da ordem de que não há disposição para o enfrentamento. A classe trabalhadora se mobiliza, e essas mobilizações revelam a necessidade de enfrentar um mesmo sistema: o capitalismo imperialista, responsável por explorar a maioria para garantir os lucros de uma minoria.

### **A CENTRALIDADE DA CLASSE OPERÁRIA**

As greves operárias reforçam o papel estratégico da classe trabalhadora, em especial nos setores produtivos. Por sua posição na produção e circulação das riquezas, a classe operária tem a capacidade de paralisar a sociedade e atingir diretamente os interesses da burguesia. Sem sua entrada em cena, muitas mobilizações permanecem importantes, porém limitadas. A luta contra a escala 6x1 expressa essa contradição. Trata-se de uma pauta que mobiliza milhões, mas que, sem a força das ruas e a paralisação da produção, tende a ser absorvida pelo parlamento. Em um Congresso reacionário, inimigo do povo, isso significa o risco concreto de retrocesso.

### **A FORÇA DOS POVOS ORIGINÁRIOS E DAS MULHERES**

Os povos indígenas têm protagonizado lutas fundamentais em defesa de seus territórios e do meio ambiente, enfrentando governos e interesses econômicos. Suas mobilizações, como as realizadas no Pará e na COP30, mostram a importância da resistência organizada.

Da mesma forma, o Levante Mulheres Vivas expressou a indignação diante da violência e do feminicídio. Milhares foram às ruas afirmar que não aceitarão mais essa realidade.

Essas experiências apontam um elemento central:

quando a luta é coletiva, com independência de classe e confiança na própria força, abre-se um caminho real de enfrentamento.



*Indígenas comemoram a revogação do decreto 16.600 | Foto: Gabriel Lobato/Divulgação*

## **SOLIDARIEDADE INTERNACIONAL E TAREFA POLÍTICA**

O cenário internacional também é marcado pela intensificação dos conflitos. Os ataques de Israel ao povo palestino, as ações de Donald Trump contra países como Irã e Venezuela e a guerra conduzida por Vladimir Putin na Ucrânia revelam a lógica violenta do imperialismo.

Diante disso, cresce a solidariedade internacional e a defesa da autodeterminação dos povos, também expressa nas mobilizações da classe trabalhadora em diversos países.

O PSTU se coloca ao lado dessas lutas, defendendo a independência de classe. O desafio central é transformar essas mobilizações em uma força consciente, organizada e unificada.

Mais do que nunca, é necessário enfrentar tanto as capitulações do reformismo quanto o projeto reacionário da extrema direita. Ir à raiz dos problemas e fortalecer a luta por uma sociedade socialista é a tarefa colocada. ■

### INSTRUMENTO DE LUTA E INDEPENDÊNCIA

# CSP-Conlutas: 20 anos construindo a frente única da classe trabalhadora com independência de classe



ROBERTO AGUIAR, DE SALVADOR (BA)  
PHILL NATAL, MARINGÁ (PR)



Foto: Arquivo CSP-Conlutas

A construção da frente única da classe trabalhadora é uma das principais elaborações estratégicas do marxismo revolucionário para enfrentar a burguesia e disputar a direção do movimento operário. Como afirmava Lênin, a unidade na luta não significa apagar diferenças políticas, mas, ao contrário, combinar a ação comum dos trabalhadores com a luta aberta contra as direções reformistas. Trata-se de marchar separados no programa, mas golpear juntos contra o inimigo de classe.

Essa formulação foi desenvolvida pela Terceira Internacional e aprofundada por Trotsky ao afirmar que a tarefa central dos revolucionários é conquistar a maioria da classe trabalhadora. Isso

só pode ser feito com intervenção nas lutas reais, ao lado dos trabalhadores que ainda seguem direções reformistas, demonstrando, na prática, quais métodos e qual política podem levar à vitória. A frente única, portanto, não é conciliação, mas um método de combate: unidade para lutar, independência para disputar.

Na tradição do trotskismo latino-americano, Nahuel Moreno reforçou esse caráter concreto e ativo da frente única, definindo-a como uma política de chamar as organizações operárias e suas bases a lutar contra a burguesia e seus governos em torno de reivindicações comuns. Para Moreno, a frente única é também uma ferramenta para superar dois desvios igualmente nocivos: o oportunismo, que capitula às direções reformistas, e o sectarismo, que se isola das massas e abandona a disputa real pela direção da classe.

Essa concepção mantém plena atualidade. Em um cenário marcado pela ofensiva da ultradireita, pela fragmentação das lutas e pela adaptação das direções tradicionais ao Estado e aos governos, o maior obstáculo hoje não é a falta de disposição de luta da classe, mas a ausência de uma verdadeira política de frente única, que unifique os trabalhadores na ação e, ao mesmo tempo, confronte as direções que os levam à derrota.

## **UNIDADE E INDEPENDÊNCIA DE CLASSE**

É nesse terreno que se afirma a importância da CSP-Conlutas, que realiza seu VI Congresso Nacional. Ao longo de seus vinte anos, a central se consolidou como um instrumento de

unificação das lutas e de organização desde a base, reunindo trabalhadores da cidade e do campo, juventude e movimentos populares e de combate às opressões.

Mais que organizar reivindicações imediatas, cumpre um papel central na disputa da consciência da classe ao relacionar os problemas concretos com as contradições do capitalismo e apontar para a necessidade de sua superação.

Em um contexto marcado pela ultradireita e pela política de conciliação de classes, a existência de uma central independente é decisiva.

Diferentemente de CUT, Força Sindical, UGT e CTB, hoje adaptadas ao Estado e aos governos, a CSP-Conlutas sustenta a unidade na luta sem subordinação política, apoiada na mobilização direta e na organização pela base.

## **ORGANIZAÇÃO, PRINCÍPIOS E ESTRATÉGIA SOCIALISTA**

Desde sua origem, em 2006, a partir da ruptura com a CUT, a CSP-Conlutas se constrói com base na independência de classe e na perspectiva socialista. Seu funcionamento expressa essa estratégia: democracia operária, participação das entidades de base, direção com mandatos revogáveis e combate à burocratização. Seus princípios centrais são a independência frente a governos e patrões, a unidade de ação, a mobilização direta e o internacionalismo.

## **FORTALECER A CSP-CONLUTAS PARA FAZER AVANÇAR A FRENTE ÚNICA**

Ao completar duas décadas, a CSP-Conlutas reafirma seu papel como ferramenta de luta e de

construção da frente única da classe trabalhadora. Sua atuação nas lutas contra a precarização, as opressões e em defesa dos direitos demonstra seu compromisso com as batalhas reais da classe.

Diante das crises e disputas em curso, seu VI Congresso é um espaço para fortalecer essa construção e fazer avançar a organização independente dos trabalhadores.

Mais que nunca, é necessário fortalecer a CSP-Conlutas como instrumento de unidade na luta e independência de classe. O PSTU é parte desse processo desde o início, tendo sido força ativa na ruptura com a CUT e na construção da central. Segue, até hoje, empenhado em seu fortalecimento como ferramenta de organização e luta.

Fortalecer a CSP-Conlutas é fortalecer a luta da classe trabalhadora e avançar a construção de uma sociedade socialista, sem exploração nem opressão. ■



Foto: Arquivo CSP-Conlutas

DEBATE

# Os desafios da esquerda brasileira diante do governo Lula e da extrema direita



JOANA SALAY,  
DE SÃO PAULO



*Deputada federal Erika Hilton, Presidente Lula e ministro-chefe da Secretaria-Geral da Presidência da República Guilherme Boulos*

Sob o impacto da crise do capitalismo, do desgaste do petismo, da decadência do regime de 1988, da recomposição da extrema direita e das mudanças na própria classe trabalhadora, a esquerda brasileira entra numa etapa de reorganização. Às vésperas das últimas eleições de Lula, cresce a disputa sobre quem herdará seu legado, como mostra a crise do PSOL em torno da federação com o PT. Mas a questão central não é quem ficará com o espólio do lulismo, e sim se a esquerda será capaz de superá-lo.

O projeto do PT baseado em conciliação de classes, adaptação ao regime e subordinação da organização dos trabalhadores à gestão do capitalismo é o que sustenta seu desgaste. Sem romper com isso, qualquer renovação tende a repetir os mesmos limites. É nesse terreno que se coloca o debate sobre os rumos da esquerda e o papel do PSTU.

### **O PT E A REORGANIZAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA**

O PT tornou-se hegemônico porque, nos anos 1980, expressou a reorganização da classe trabalhadora. Surgiu ligado às greves do ABC, à crise da ditadura, ao novo sindicalismo, às Comunidades Eclesiais de Base e aos movimentos populares, canalizando esse processo. A CUT também foi expressão desse sindicalismo combativo e de massas, enfrentando o peleguismo e impulsionando a luta direta.

Na sua primeira década, o PT cumpriu um papel progressivo, impulsionado pelas lutas operárias e contra a ditadura, mais do que por uma orientação consciente de sua direção. Após a derrota de Lula em 1989, a corrente Articulação consolidou outro rumo: a conciliação com a burguesia e os patrões, definindo o caminho que o partido seguiria.

### **DA CONCILIAÇÃO À CRISE DO PROJETO PETISTA**

A Carta ao Povo Brasileiro (2002) marcou a virada: o PT garantiu ao mercado o respeito aos contratos, à dívida e à política econômica vigente, consolidando-se como gestor do capitalismo dependente. Seus governos combinaram políticas compensatórias com a preservação dos lucros dos bancos, do agronegócio e das multinacionais, sem romper com o imperialismo, sem fazer reforma

agrária e sem enfrentar a estrutura desigual do país. Apoiado no ciclo de commodities, governou com a burguesia.

Ao mesmo tempo, a CUT e os sindicatos foram incorporados ao governo de forma progressiva, passando a conter mobilizações e reforçar a lógica de mudanças “por cima”. Quando vieram a crise econômica, o ajuste e os ataques, esse modelo mostrou seu limite. As jornadas de junho de 2013 expressaram esse esgotamento, com milhões nas ruas e uma crise de representação que o PT não soube responder.

A reconfiguração da classe trabalhadora, com precarização, informalidade e fragmentação, aprofundou essa crise, enquanto a extrema direita cresceu, apoiada na frustração social. Esse avanço não pode ser separado do papel do próprio petismo: ao administrar a crise sem romper com suas causas, manteve as condições que alimentam essa dinâmica. Por isso, enfrentar a extrema direita exige também enfrentar o projeto de conciliação de classes do PT.

## **O PSOL E A ADAPTAÇÃO AO LULISMO**

O PSOL surgiu como uma ruptura à esquerda com o PT, impulsionado pela rejeição às reformas neoliberais do primeiro governo Lula. Por um período, ocupou um espaço como alternativa para setores que buscavam independência de classe. No entanto, seu desenvolvimento foi marcado pela concepção de partido amplo, no qual cabem revolucionários e reformistas, levando à adaptação à lógica eleitoral, à institucionalidade burguesa e à estratégia de conciliação.

Nos últimos anos, o PSOL passou a integrar a base de apoio do governo Lula, apoiando sua governabilidade e adaptando seu programa.

Mesmo quando recua formalmente em iniciativas como a federação com o PT, mantém na prática a mesma orientação política: apoio ao governo e adaptação à frente ampla. A trajetória de Guilherme Boulos expressa esse processo. Projetado como renovação da esquerda, sua política se orienta para ocupar um espaço dentro do próprio lulismo.

Dentro do PSOL, correntes como o MES cumprem o papel de crítica parcial, mas sem romper com essa orientação. Mesmo quando apontam problemas, sustentam a política de frente ampla e alianças com setores burgueses, como no caso do Rio Grande do Sul, defendendo apoio a candidaturas ligadas ao PDT e justificando essas alianças pela correlação de forças. Na prática, isso significa aceitar acordos com partidos burgueses que aplicam privatizações e ataques aos trabalhadores, subordinando a independência de classe à estratégia eleitoral.

Assim, longe de representar uma superação do petismo, o PSOL tende a operar como parte da sua continuidade.

## **O NEOSTALINISMO E SEUS LIMITES**

O crescimento de correntes que se reivindicam comunistas, mas se colocam no campo da continuidade do stalinismo, como faz abertamente a UP e de modo indireto o PCBR, expressa a crise do petismo e a busca por uma alternativa mais radical. No entanto, essa radicalização é limitada

por uma estratégia que não rompe com a conciliação de classes e a adaptação à institucionalidade.

A UP combina discurso combativo com uma política que evita uma oposição conseqüente ao governo Lula, diluindo a independência de classe em nome do combate à extrema direita e se aproximando da lógica de frente popular.

A crise recente do PCBR, com a ruptura do Jones Manoel, expressa a contradição de uma política que se reivindica revolucionária, mas acaba por hierarquizar tudo em troca de sua viabilidade eleitoral e institucional.

---

**O PSOL surge como uma ruptura à esquerda do PT. No entanto, seu desenvolvimento foi marcado pela concepção de partido amplo, no qual cabem revolucionários e reformistas, levando à adaptação à lógica eleitoral, à institucionalidade burguesa e à estratégia de conciliação.**

---

## O REAL PROBLEMA

### **O problema central: superar o projeto do PT**

Grande parte da esquerda brasileira hoje não está buscando superar o petismo. Quer herdar sua base, seu eleitorado, sua influência e parte de seu espaço político. Uns de forma mais aberta, outros de forma mais crítica. Só que o problema do PT não se resolve trocando os administradores da conciliação. Não se resolve com uma versão mais

jovem, mais ativista, mais radical no discurso ou mais comunista na estética. O que precisa ser superado é a estratégia da conciliação de classes, da adaptação ao regime e da substituição da auto-organização da classe pela confiança em governos, parlamentos e mediações institucionais.

Disputar o espólio do lulismo significa permanecer preso aos seus limites. Superar o lulismo significa reconstruir, em novas condições, um projeto de independência de classe e da revolução socialista.

---

## **O PSTU e a construção de uma alternativa revolucionária**

O PSTU surgiu, em 1994, como expressão da necessidade de manter uma estratégia independente da burguesia e do reformismo diante da adaptação do PT e da crise de direção aberta no movimento dos trabalhadores. Sua construção buscou preservar um fio de continuidade com o classismo, o internacionalismo e a revolução socialista, em oposição à conciliação de classes e aos desvios burocráticos do stalinismo.

Ao longo de três décadas, o partido atravessou conjunturas distintas, dos governos FHC aos governos Lula e Dilma, passando por Temer e Bolsonaro, sem capitular nem ao neoliberalismo, nem aos governos de colaboração de classes, nem à frente ampla.

Esse percurso teve acertos importantes. O PSTU manteve a defesa da independência de classe quando grande parte da esquerda se integrou ao

petismo; sustentou o internacionalismo proletário e a necessidade de um partido revolucionário enraizado na classe trabalhadora, na juventude e nos setores oprimidos. Foi vanguarda de processos importantes, como a construção da CSP-Conlutas, de lutas operárias, do movimento popular e estudantil.

Ao mesmo tempo, seria um erro fazer um balanço autoproclamatório. As rupturas recentes do nosso partido expressam respostas distintas: uma adaptação oportunista, como no caso do que hoje é a Resistência, do PSOL, e outra de caráter mais sectário, na ruptura recente, quanto às mudanças e aos solavancos da realidade no Brasil e no mundo. Mas também revelam limites nossos: dificuldade em compreender essas transformações da realidade e em traduzi-las numa orientação capaz de dialogar com a experiência concreta da classe.

Nesse processo, buscamos aprofundar o estudo do marxismo e da realidade, esforço que se expressa no Congresso Programático do PSTU neste ano de 2026. Esse congresso não encerra nossas elaborações, mas procura sistematizar orientações e tarefas para a construção da revolução socialista no Brasil hoje.

## **UM PARTIDO LENINISTA**

O caminho que o PSTU deve seguir não é o da disputa pelo espólio do lulismo. É o da construção paciente e combativa de uma alternativa revolucionária enraizada na classe trabalhadora. Isso exige reafirmar a independência de classe, integrar de forma estrutural a luta contra as opressões, manter a

democracia operária e defender um internacionalismo consequente, sem capitular a nenhum imperialismo.

Por isso, a reconstrução de uma alternativa socialista exige partido. Não um agrupamento eleitoral, mas um partido revolucionário nos moldes leninistas: centralizado, com programa marxista, elaboração comum, disciplina consciente e intervenção organizada na luta de classes. Essa centralização, porém, só faz sentido se estiver profundamente ligada à vida concreta dos trabalhadores, às lutas sindicais, populares, estudantis e contra as opressões, articulando formação, propaganda e organização militante. Em outras palavras: um partido centralizado, mas vivo; firme na estratégia, mas inserido na experiência real da classe.■

---

**A construção de uma alternativa revolucionária exige um partido revolucionário centralizado, ligado à vida concreta dos trabalhadores, com um programa marxista e intervenção organizada na luta de classes.**

---



Foto: Arquivo PSTU

PALESTINA

# Flotilha parte em direção a Gaza em meio a cessar-fogo parcial

 FÁBIO BOSCO,  
DE SÃO PAULO (SP)



Foto: Divulgação Redes Sociais

No domingo, dia 12, centenas de manifestantes se reuniram no porto de Barcelona, na Espanha, para saudar a partida de dezenas de barcos da Global Sumud Flotilha rumo à Faixa de Gaza. As bandeiras da Palestina decoravam os barcos e o porto e havia muito ânimo de todos e todas para enviar uma mensagem de solidariedade à população de Gaza, que vive sob um genocídio promovido pelo Estado de Israel desde outubro de 2023.

A flotilha deve reunir cerca de mil pessoas em cem barcos que partirão de Barcelona, de Marselha, na França, e da Sicília, na Itália. Seu objetivo é, por um

lado, romper o bloqueio por terra, mar e ar imposto a Gaza pelo Estado de Israel e entregar ajuda humanitária aos palestinos e, por outro, romper o bloqueio midiático sobre o genocídio em curso em Gaza.

## **GENOCÍDIO CONTINUA**

Apesar do cessar-fogo iniciado em outubro de 2025, as forças israelenses mantêm mais de dois milhões de palestinos sitiados em 40% do território de Gaza sob ataques militares diários, sem acesso regular à ajuda humanitária, sem direito irrestrito de ir e vir nem para tratamento médico, sem acesso para jornalistas estrangeiros – um verdadeiro campo de concentração. Essas condições são definidas pelo direito internacional como genocídio.

Além do genocídio em Gaza, o Estado de Israel, em conjunto com colonos fascistas, executa uma limpeza étnica contra os palestinos em Al-Quds/Jerusalem e na Cisjordânia. Seu objetivo é expulsar os palestinos de suas terras para sua colonização pelos sionistas. No restante da Palestina ocupada, chamada de Palestina de 1948, os palestinos vivem sob um regime de apartheid, como cidadãos inferiores aos judeus israelenses.

Apesar do repúdio dos povos de todo o mundo, o genocídio e a limpeza étnica continuam devido ao apoio direto ou indireto dado ao Estado de Israel por 62 países, segundo a relatora da ONU para a Palestina, Francesca Albanese. Entre esses países, estão todas as potências imperialistas. Os Estados Unidos fornece 70% das armas, apoio financeiro e cobertura diplomática. Os países imperialistas europeus fazem o mesmo. O imperialismo chinês é o segundo principal parceiro comercial de Israel, e

o imperialismo russo exporta petróleo para a máquina de guerra israelense.

---

**Romper o cerco do Estado sionista a Gaza e levar ajuda humanitária aos palestinos.**

---

**IRÃ**

## **Impasse nas negociações enquanto Israel avança sobre o Líbano**

O genocídio na Palestina ocorre em meio a um impasse na agressão estadunidense e israelense contra o Irã e o Líbano. Trump esperava esmagar o Irã em poucos dias e impôr um governo fantoche, a exemplo da Venezuela. No entanto, o regime iraniano se preparou para uma guerra assimétrica (desigual) e lançou mísseis e drones contra alvos israelenses e contra países do golfo com bases militares dos Estados Unidos. Além disso bloqueou o estreito de Ormuz, por onde passam cerca de 20% das exportações de petróleo e gás de todo o mundo.

Sob intensa pressão popular expressa nas três mil mobilizações de “No King’s Day”, que reuniram oito milhões de manifestantes em todos os Estados Unidos, e diante de uma divisão interburguesa e entre seus apoiadores e seu gabinete, Trump declarou um cessar-fogo de 14 dias.

O cessar-fogo foi seguido de uma rodada de negociações entre Estados Unidos e Irã na capital do Paquistão, Islamabad. As informações vazadas da longa reunião apontam para um impasse quanto ao controle do estreito de Ormuz, a agressão

israelense ao Líbano, o programa nuclear iraniano e as reparações de guerra devidas pelos Estados Unidos ao Irã.

Depois, houve sinais em duas direções opostas. Por um lado, Trump impôs um bloqueio naval ao estreito de Ormuz, o que pode levar à retomada da guerra. Por outro, Trump ordenou que Israel limitasse a agressão ao Líbano ao sul do país, e a imprensa vazou algumas propostas de negociação em eventuais reuniões “técnicas” a serem retomadas em Islamabad em breve. Entre as propostas, estão o congelamento do programa de enriquecimento de urânio (Trump quer 20 anos, e o Irã aceita cinco anos), o descongelamento dos US\$ 27 bilhões de fundos iranianos para a reconstrução do país sob supervisão estadunidense e negociações entre Israel e Irã visando a estabilidade regional (leia-se normalização de relações com a criminosa entidade sionista e fim do apoio a grupos do chamado eixo da resistência em toda a região).

### **FORA TRUMP E ISRAEL DO IRÃ, LÍBANO E PALESTINA**

Não é possível prever o desfecho dessas negociações nem se haverá a retomada da agressão militar ao Irã ou o fim da agressão ao Líbano. De toda forma, o projeto de Novo Oriente Médio sob hegemonia israelense não conseguiu avançar nem o controle estadunidense sobre o petróleo iraniano, o que seriam cartas na manga para Trump negociar com Xi Jinping. O que é certo é que o impacto dessa agressão afeta a região e o mundo, com uma desaceleração econômica global, perda de popularidade de Trump dentro e fora do país, crise nas relações interimperialistas no Atlântico (entre EUA e Europa) e no Pacífico (entre

EUA e China) e nas relações entre os EUA e as monarquias petrolíferas do golfo.

Para o PSTU, segue colocada a luta pela derrota militar e política do imperialismo estadunidense e de Israel no Irã, no Líbano e na Palestina. A derrota abrirá o caminho para as lutas dos povos oprimidos contra os imperialismos em todo o mundo, e por isso é de interesse da classe trabalhadora mundial. Isso não implica nenhum apoio político ao regime iraniano, que enfraquece a defesa do país contra o imperialismo ao reprimir a classe trabalhadora iraniana com massacres como os efetuados nos dias 8 e 9 de janeiro e prisões e execuções de manifestantes que lutam por liberdades democráticas e melhores condições de vida.



*Ataques dos EUA e de Israel contra o Irã. Fonte: Fotos Públicas*

---

## RUMO A GAZA

# PSTU e LIT-QI integram flotilha

*“Romper o silêncio internacional diante do que acontece em Gaza”*

Integrante da Flotilha, Mandi Coelho destacou o significado da missão: “Ver os barcos partindo de Barcelona é um momento histórico. Essa flotilha

carrega não só ajuda humanitária, mas a esperança de milhares de pessoas e a força da solidariedade internacional em movimento rumo a Gaza”.

Além de Mandi, estudante da USP, diretora do DCE-USP, ativista do Coletivo Rebeldia, militante do PSTU e da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), integram a delegação Brasileira: Ariadne Telles, advogada de direitos humanos; Beatriz Moreira, militante do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); Lisi Proença, organizadora cultural e comunicadora; Leandro Lanfredi, petroleiro e diretor do Sindipetro-RJ; Lucas Gusmão, ativista anti-imperialista; e Thiago Ávila, ativista internacionalista e ambientalista. ■

---

**Acompanhe os relatos diários da Mandi!**  
Siga @mandi.rebeldia no Instagram

[CLIQUE AQUI](#)



Foto: Divulgação Redes Sociais

## OPINIÃO SOCIALISTA

# 30 anos a serviço da luta da classe trabalhadora

*Novo portal será lançado no 1º de Maio, com formato mais dinâmico, integrado às redes e com a possibilidade de assinatura on-line*



**DA REDAÇÃO**

O Opinião Socialista completa trinta anos no próximo dia 31 de maio, reafirmando sua trajetória como um jornal operário, de esquerda, socialista e revolucionário, comprometido com a organização e a luta da classe trabalhadora.

Fundado em 1996 como órgão oficial do PSTU, o jornal carrega uma história marcada pela independência política frente aos governos e aos interesses dos grandes grupos econômicos. Ao longo dessas três décadas, consolidou-se como um contraponto à mídia tradicional, acompanhando as lutas sociais, sindicais e populares no Brasil e no mundo.

Mais que informar, o Opinião Socialista é uma ferramenta política. Um espaço de análise, formação e organização, voltado a fortalecer a consciência de classe e contribuir com a construção de uma alternativa socialista para a sociedade.

## **NOVO PORTAL: MAIS ALCANCE, MAIS CONEXÃO, MAIS LUTA**

Como parte das comemorações de seus trinta anos, o Opinião Socialista dá um passo importante em sua trajetória. No dia 1º de maio, Dia Internacional de Luta da Classe

Trabalhadora, será lançado o novo portal do jornal.

A nova plataforma chega com um formato mais dinâmico e moderno, pensada para garantir fácil acesso tanto pelo celular quanto pelo computador. Totalmente conectada às redes sociais e ao YouTube, ampliará o alcance do jornal e sua capacidade de dialogar com trabalhadoras e trabalhadores em todo o país.

O novo portal também contará com a participação de novos colunistas, fortalecendo o debate político e ampliando a pluralidade de análises dentro de um campo comprometido com a luta da classe trabalhadora.

---

## **Assine e fortaleça essa ferramenta de luta**

Uma das novidades centrais do novo portal será a possibilidade de assinatura direta. Agora, leitores e apoiadores poderão assinar o Opinião Socialista de forma simples e rápida.

As assinaturas contarão com brindes, de acordo com o plano escolhido, como forma de incentivar e valorizar aqueles que ajudam a manter viva essa ferramenta de comunicação independente e combativa.

Assinar o Opinião Socialista é mais do que acessar conteúdo, é contribuir diretamente com a construção de um projeto político de transformação social.

Contribua para o novo portal ganhar vida  
Para que esse novo projeto se concretize e  
chegue com força ao conjunto da classe  
trabalhadora, é fundamental o apoio de todas e  
todos que reconhecem a importância de uma  
imprensa independente.

Enquanto o novo portal não entra no ar, está em  
curso uma campanha de contribuição financeira  
para viabilizar essa nova etapa do jornal. Ao final  
desta matéria, você encontrará um QR Code  
para realizar sua contribuição. ■

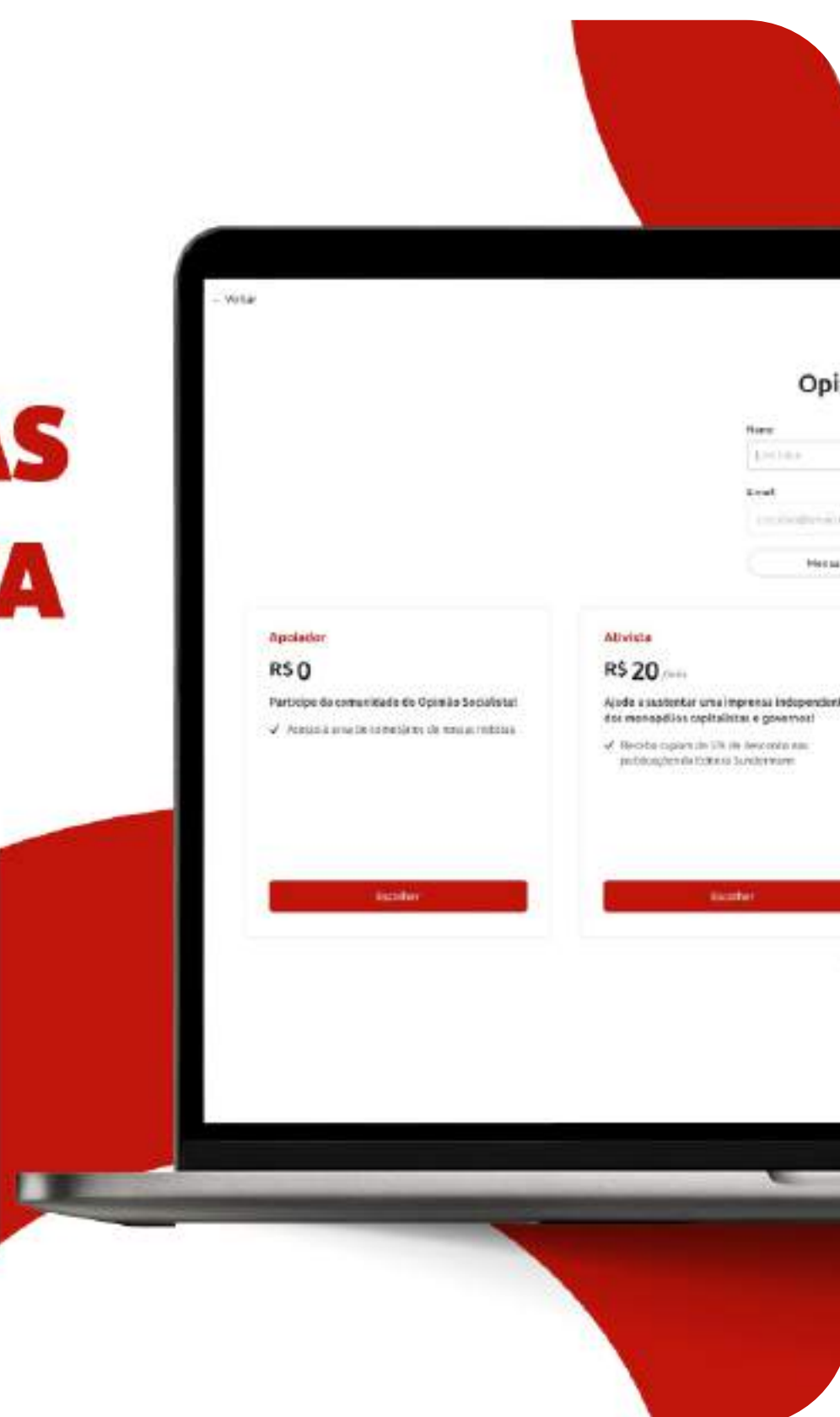
**Fortaleça o Opinião Socialista. Uma imprensa a  
serviço da classe trabalhadora só existe com o  
apoio da própria classe.**

Acesse: [opiniaosocialista.com.br](http://opiniaosocialista.com.br)

**FAÇA PARTE DO  
CLUBE DE ASSINATURAS  
DO OPINIÃO SOCIALISTA**

Clique no QR  
Code e contribua  
através do **PIX!**

Abra o aplicativo do  
seu banco e aponte a  
câmera de seu celular



**ENTREVISTA COM HERTZ DIAS**

# “Superar essa democracia dos ricos e esse sistema podre que é o capitalismo”

*Pré-candidato à Presidência da República pelo PSTU, fala sobre sua trajetória, a influência do hip-hop e a necessidade de uma saída revolucionária para o país*



**ROBERTO AGUIAR,  
DA REDAÇÃO**



*Hertz Dias, pré-candidato pelo PSTU à presidência do Brasil*

Hertz Dias, pré-candidato à Presidência da República pelo PSTU, construiu sua trajetória entre a cultura, a luta contra o racismo e a militância socialista, como podemos conferir nesta entrevista concedida ao **Opinião Socialista**.

## ■ COMO FOI SUA INFÂNCIA E INÍCIO DE VIDA?

Hertz – Nasci em São José de Ribamar, na região metropolitana de São Luís, onde vivi até os doze anos. Tenho muitas lembranças boas, como os

banhos e o futebol na praia. Meu pai era motorista do padre da principal igreja, e minha mãe, enfermeira. Éramos cinco irmãos, mas dois já faleceram ainda muito jovens, o que marcou profundamente nossa família e minha visão de mundo.

### ■ **E A ADOLESCÊNCIA EM SÃO LUÍS?**

Foi um período difícil. Estudei no Cema e depois na escola técnica Bacelar Portela, onde fui reprovado duas vezes e abandonei os estudos. Me sentia agredido pelo racismo presente nos conteúdos, nas aulas e no cotidiano. Cheguei a ser preso aos quinze anos por dançar break com amigos e fiquei numa cela com adultos. Isso me marcou profundamente. Anos depois, voltei à mesma escola como professor de História.

### ■ **COMO O HIP-HOP ENTROU NA SUA VIDA?**

Começamos dançando break sem entender totalmente as músicas, que eram em inglês. Quando percebemos que podíamos cantar em português e falar da nossa realidade, foi transformador. O hip-hop nos deu linguagem, identidade e consciência do que vivíamos.

### ■ **COMO ERA SER UM JOVEM NEGRO NESSE CONTEXTO?**

Não era fácil. O racismo estava na escola, na rua e nas relações sociais. Na rua em que morávamos, por exemplo, as únicas casas sem telefone eram as de famílias negras. Meus pais não tinham consciência racial, então muita coisa a gente enfrentava sem entender. O hip-hop foi como um salva-vidas em que me agarrei e não larguei mais.

## ■ E A VIDA ADULTA?

Via muitos jovens negros sem perspectiva, o que afetava diretamente a autoestima. Meu bairro era vizinho do Quilombo Liberdade, estigmatizado como violento, muito por ser negro e periférico. As imagens negativas eram constantes e isso pesava muito na forma como a gente se via.

## ■ QUANDO A CULTURA SE CONECTA COM A MILITÂNCIA POLÍTICA?

O hip-hop, especialmente o Racionais MC's, me levou a conhecer Malcolm X. Isso mudou minha vida. Passei a compreender melhor o racismo e a necessidade de enfrentá-lo. Voltei a estudar, entrei na universidade e assumi uma postura mais ativa na luta.

## ■ FALE UM POUCO DA SUA FAMÍLIA.

Casei aos 23 anos com Ana Francisca e tive minha primeira filha, Laura. Depois, casei com minha atual companheira Claudicea Durans, também militante do PSTU, com quem tenho dois filhos, Lenin Akill e Hertz Filho. Claudicea participava do Movimento de Universitários Negros, que nos inspirou diretamente a entrar na universidade.

## ■ O QUE SIGNIFICA SER PROFESSOR HOJE?

É uma profissão que amo, apesar das dificuldades. Gosto de estar em sala de aula, principalmente com jovens. As condições são duras, com escolas sem estrutura e turmas lotadas, mas a satisfação de ensinar compensa. Ao mesmo tempo, é impossível não perceber o adoecimento da categoria sob o capitalismo.

## ■ **QUAL O PAPEL DA CULTURA NA LUTA POR UMA SOCIEDADE SOCIALISTA?**

A cultura, especialmente a negra, vai além do artístico e cumpre também um papel político. Em um país desigual como o nosso, ela é ferramenta de consciência e resistência. Por isso sempre foi perseguida e alvo de tentativas de cooptação.

## ■ **COMO VOCÊ VÊ A RELAÇÃO ENTRE CULTURA, LUTA RACIAL E CLASSE TRABALHADORA?**

Sempre foi muito forte. No Maranhão, o hip-hop cresceu junto às mobilizações operárias, especialmente na Praça Deodoro. Hoje, a cultura segue como forma de expressão e resistência de uma classe trabalhadora mais jovem e negra.

## ■ **O ACESSO À CULTURA AINDA É NEGADO?**

Sim. A cultura não é livre porque a classe trabalhadora não é livre. A luta por acesso está ligada à luta pelas riquezas que os trabalhadores produzem. Muitas vezes, o trabalhador constrói espaços que depois não pode frequentar.

## ■ **QUAL O PAPEL DO PSTU NA SUA VIDA?**

Não me vejo sem o PSTU. Ao lado do Quilombo Urbano, foi uma das maiores descobertas da minha vida. Mais que uma sigla, é um programa revolucionário no qual tenho convicção.

## ■ **QUAL A IMPORTÂNCIA DA SUA PRÉ-CANDIDATURA?**

Somos uma oposição de esquerda e socialista ao governo Lula, sem ignorar a ameaça da extrema direita. Defendemos uma saída revolucionária, superando a democracia dos ricos e o capitalismo. Nossa pré-candidatura está nas lutas concretas e existe para fortalecer a luta da classe trabalhadora e dos oprimidos. ■